



Um diário esquecido em um apartamento da orla de Santos é o ponto de interseção entre adolescentes de gerações distintas: Haidê, que o escreveu nos anos 1980, e Benjamin, que o encontrou décadas depois, em 2015, durante breve temporada na cidade litorânea paulista. Do corredor do prédio, através dos tijolos vazados que compõem parte da fachada — os chamados cobogós —, cada um deles busca vislumbrar o próprio horizonte, enquanto lida com sentimentos diversos de perda e separação. Uma tocante narrativa sobre amadurecimento juvenil, estruturada como um vaivém temporal, em cujas brechas se veem os contextos, a moda, os costumes e as gírias de cada época.

NO CORREDOR DOS COBOGÓS • PAULA FÁBRIO



BARCO
A VAPOR



No corredor dos cobogós

Paula Fábrio



1 5 4 2 8 8

ISBN 978-85-418-2042-4



9 788541 820424



BARCO
A VAPOR

No corredor dos cobogós

Paula Fábrio



© Paula Fábrio (2018)

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação e revisão: Marcia Menin

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Ilustração de capa: Catarina Bessell

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fábrio, Paula

No corredor dos cobogós / Paula Fábrio. -- São Paulo : Edições SM,
2018. -- (Coleção barco a vapor)

ISBN 978-85-418-2042-4

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

18-20032

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição abril de 2019

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

*Para o Alfredo Monte,
eu imaginei essa amizade.*

*Para a cidade de Santos,
eu criei essas férias que me
havam sido roubadas.*

*Para os alunos da EMEF
Fernando de Azevedo,
eu reinventei essa história.*

O QUE É FELICIDADE?

Haidê gostava de imaginar muitas coisas, sobretudo quando percorria as pastilhas do corredor com as mãos. Pensava no pai, que vivia em outra casa; no Michel, seu amigo francês na cadeira de rodas; e no Sivuca, seu cãozinho imaginário. E também gostava de buscar respostas para perguntas difíceis. Quando Michel voltaria a andar? Como convencer sua mãe a lhe dar um filhote de *Norfolk terrier*? E o pai? Um dia viveriam juntos?

Se resolvesse tudo isso, seria feliz?

Talvez fosse mais fácil ajudar Nereu, o amigo que não tinha amigos. Nereu estudava na mesma escola que Haidê e costumava vestir um moletom bem velho. Como se não bastassem as bolinhas do blusão amarrado, na altura dos joelhos da calça destacava-se uma rodela rosa, branca e azul, produzida por uma enorme gota de alvejante.

Para Haidê, na verdade, pouco importava o moletom com aspecto de pano de chão, pois Nereu era um dos garotos mais divertidos da sala. Em primeiro lugar, porque tinha disposição para jogos de detetive, que ela

adorava; depois, porque dizia conhecer o mistério do casarão da serra. Essa curiosidade era outro desassossego dela.

No entanto, Haidê também se ocupava de outras coisas. Enquanto os dedos se sujavam de poluição nas paredes do edifício, os olhos cobriam o corredor e investigavam o mundo ao redor. Era o corredor de seu andar. De um lado, as portas dos apartamentos, quase sempre trancadas. Do outro, o muro, mais alto que ela, mais forte que ela. No chão, sob seus tênis de couro branco, a cerâmica vermelha, palmilhada pelos pés, pés sem distração.

Sua mãe costumava dizer: “Hoje essa menina está sem distração”. O hoje dela representava todos os dias, pois em um prédio de temporada, com dezenas de apartamentos para alugar, os dias cinzentos e frios eram de pura invenção. Haidê fingia conversar com os filhos dos turistas que já não estavam mais ali. Também fingia correr com seu cão *terrier* até o fim do corredor. Durante a corrida, contava e recontava as portas. Oito apartamentos por andar. Dez andares. Oitenta moradias. A maioria vazia. Nas outras, gente como Haidê e sua mãe.

Haidê conhecia todos aqueles apartamentos, um por um. No verão, havia crianças e adolescentes em todos eles. Quase sempre a convidavam, assim que voltavam da praia, para uma partida de telejogo ou para tomar lanche de presunto e queijo. Quando isso não acontecia, ela se punha a observar o vaivém das pessoas, as coisas

que carregavam até a orla, seus bichos de estimação. Em algum momento, alguém finalmente a convidava para entrar e, a certa altura, era inevitável, perguntavam sobre seus pais. Haidê respondia sobre sua mãe:

– Ela é legal, mas tem vezes que fica com o olhar parado, os lábios assim grudados.

Nessa hora, os adultos trocavam olhares. Haidê aceitava uma uva ou acariciava o cachorro, se houvesse.

No inverno, porém, o vento assobiava no corredor, vindo por cima do muro. E, além do muro, todo um universo por explorar, ruas por conhecer, amigos por fazer, o futuro.

Foi justamente no corredor, encostada ao muro, que Haidê teve uma ideia que mudaria sua vida. Tinha onze anos na ocasião e quase não saía de casa sem a mãe. O calçadão da orla, a praia e a avenida do comércio, a Ana Costa, só podiam ser percorridos com um adulto. Isso era um problema, pois Haidê queria andar em liberdade, olhar as lojas, a natureza, tudo ao redor.

Decidiu arriscar.

Falou para a mãe que ia comprar pão sozinha, sem sair da calçada do prédio. Conhecia bem o caminho e não haveria perigo de atravessar alguma avenida. O pessoal da padaria gostava dela. Puxa vida, meninas iam a pé sozinhas até a banca de jornal ou mesmo até a escola; tinha chegado sua hora.

A mãe estava exausta naquele dia e só por isso concordou. No entanto, ela não desconfiava de que Haidê iria um pouco além da padaria.

Comprar pão tinha sido apenas um pretexto para seguir pela mesma calçada e avançar pelo comércio ao redor da Praça da Independência. Por ali havia um prédio ondulado, que lembrava um edifício muito conhecido de São Paulo, o Copan, projetado por Oscar Niemeyer. Contudo, Haidê não conhecia o Copan, tampouco o grande arquiteto brasileiro. O que tinha a sua frente era uma construção toda colorida, cuja parte térrea ostentava uma infinidade de lojas que atraíam sua atenção. Haidê consultou o relógio. Seria fácil inventar desculpas: fila, padaria cheia... Continuou caminhando.

Sua tentativa estava dando certo. A vastidão da rua. Poderia ficar por ali zanzando o dia todo. Não via perigo. No entanto, mesmo sem sair da calçada, enveredou por uma rua perpendicular e quase se perdeu. Não se lembrava de ter passado ali em toda a sua vida. Olhou para trás uma vez. Poderia voltar, *deveria* voltar. Mesmo assim, avançou um pouco mais.

Então, deu-se conta de que estava só, no meio da cidade. Um carro buzinou quase em sua cara. Um ônibus cobriu sua visão. Ficou tonta. O vento forte varreu os papéis espalhados pelo chão, levou tudo para o meio-fio. Sacolas enroladas, pontas de cigarro, embalagens de comida, sobras de pão, tudo foi arrastado para dentro dos bueiros. Um tanto de areia e pó desceu pela garganta de Haidê. Ela não conseguiu abrir os olhos por um, dois, três segundos. Enfim, viu-se paralisada e com medo. Foi quando ouviu uma voz calma, forte e segura a seu lado:

– Tudo bem com você?

Haidê meneou a cabeça. Não deveria falar com estranhos. Entretanto, logo pensou que gesticular não era proibido. O estranho havia sido gentil. Seria horrível dar-lhe as costas.

Não teve tempo de concluir a ideia. Bem nessa hora uma cachorrinha disparou, doida, na frente dos dois e começou a atravessar a rua, firme, determinada. Entre a rua perpendicular em que Haidê entrara e a Avenida Ana Costa, por onde viera, ficava a Praça da Independência. Foi para lá que a cachorra se dirigiu. O homem da voz calma correu atrás dela, feito louco. Mais buzinadas. Gritos. E um estalo.

Foi assim que Chantal morreu.

A cachorra morreu atropelada por um carro antes de chegar à praça, onde pretendia tirar desforra com um *poodle* de madame. O homem tropeçou e não conseguiu salvá-la.

Haidê assistiu a tudo, perplexa. Que aventura triste! Antes tivesse ficado presa no corredor. Antes a cachorrinha também estivesse presa, bem presa.

Enquanto isso, a mãe de Haidê preocupava-se. Os minutos passavam e nada de Haidê. Depois de meia hora

da saída da filha, resolveu ir atrás dela na padaria. Nada da menina. O dono confirmou: Haidê comprara o pão e seguira pela calçada no sentido oposto ao da casa. A mãe ficou mais apreensiva ainda. Voltou para a calçada e começou a caminhar a passos largos na direção dada. Foi quando avistou ao longe o aglomerado de pessoas no meio da praça, o trânsito interrompido. Dirigiu-se até o local com pressa, coração disparado. Poderia ter acontecido algo ruim com Haidê.

O homem ainda não tinha se levantado. Dezenas de pessoas se amontoavam ao redor dele.

Haidê sentiu um toque no ombro, seguido de uma mão que escorregou por seu braço e tomou seu pulso com força.

– Vamos para casa, lá conversamos – disse sua mãe, entre brava e aliviada.

– Quero ver a cachorrinha! – Haidê estava abalada.

A mãe aproximou-se do homem caído no meio-fio.

– O senhor está bem?

Viu o sangue grosso a escorrer pela testa.

A polícia chegou e recolheu o animal.

O homem estava tonto e a mãe de Haidê o acompanhou até a padaria, onde poderiam tomar café. Deixou-o ali sentado e foi comprar gaze e uma solução curativa na farmácia.

– Vai arder.

Ele sorriu para Haidê.
A menina ficou tímida.
Tornaram-se amigos. Haidê e Michel.

Com o tempo, Haidê compreendeu que havia errado em trapacear daquele jeito, mas conhecer Michel tinha sido extraordinário.

Um ano se passou, e ela continuava a despender horas e mais horas no corredor do prédio onde morava. No bico dos pés, alcançava a fresta entre os tijolos perfurados de seu andar, que começavam onde as pastilhas acabavam.

Haidê sempre foi esperta e curiosa, por isso sabia o que eram aqueles tijolos. “Cobogó” vem das iniciais dos engenheiros Coimbra, Boeckmann e Góis. É um substantivo masculino, sinônimo de “elemento vazado, construído para separar o exterior do interior, preservando a ventilação e a luz natural”. Está escrito no dicionário.

Cobogós a separavam das pessoas, das ruas, de Michel. Por ali, entre aquelas brechas, Haidê avistava dezenas de outros prédios, mais novos e espaçosos que o seu, mas, se ela se sustentasse mais um instante sobre os pés, antes que os dedos doessem para valer, e olhasse bem por aquela fenda mínima rasgada mais adiante, conseguia ver. Ela conseguia ver o mar. De raspão.

No entanto, seus pés cediam sempre, e Haidê retornava ao chão, à cerâmica vermelha, aos dias compridos

do inverno, quando os apartamentos de temporada permaneciam ociosos. Nessas ocasiões, os tais cobogós não aliviavam a chuva de vento, que ensopava o corredor. Então, Haidê e sua mãe se dedicavam às palavras cruzadas, enroladas no cobertor. Seus pés se tocavam sob a cobertura no sofá. O calor da mãe aquecia o corpo da menina e Haidê desejava permanecer para sempre assim: quente, afagada e protegida. Mas isso não bastava.

A bem da verdade, sempre houve o pai, cuja presença resumia-se às quartas-feiras. A propósito, no apartamento existia uma grande poltrona gasta, onde ele costumava se sentar, como uma visita. Mas isso, claro, também não bastava.

Haidê queria mesmo era desvendar o mundo, principalmente as palavras difíceis que Michel esbanjava. Aliás, Michel era bom em ajudá-la a descobrir significados e a instigava a procurá-los no dicionário. Além de “cobogó”, Haidê descobriu muitos outros termos. Para sua surpresa, encontrou também “quitinete”, embora conhecesse seu significado desde que nascera, pois crescera dentro de uma.

Há centenas de quitinetes em Santos, isso todos sabem. Na temporada de verão, as imobiliárias colocavam placas na porta de seu prédio: “Alugam-se quitinetes” – isto é, apartamentos conjugados de uma peça só: quarto, sala e cozinha, tudo no mesmo cômodo, com o banheiro separado do restante por uma porta e paredes.

Certa ocasião, Haidê resolveu deixar as palavras concretas de lado e folheou aquele livro pesado em

busca de algo, digamos, abstrato. “Felicidade: estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar.” Continuou na mesma. Então, Michel lhe sorriu com suas duas covinhas e disse:

– Quando você crescer um pouco mais, eu te dou um dicionário de filosofia, como este aqui.